

Vol 6 Issue 1 October 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinte Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



COLARES DE SEMENTES E ARTESANATOS INDÍGENA NO CONHECIMENTO ESCOLAR E COMO RECONHECIMENTO CULTURAL SOB A PERSPECTIVA DA LEI 11.645/2008 (Brasil)

Elizabeth Cristina Siel Souza¹ and Iraíldes Caldas Torres²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia – PPGSCA/UFAM, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia - UFAM/AM.

²Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia – PPGSCA/UFAM, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.



Artesanato. Criança Indígena.

INTRODUÇÃO

As etnias indígenas no Brasil representam a arte e a cultura material, através dos objetos artesanais: as cestarias, tecidos, painéis de barro, redes, habitações, cerâmicas, arcos e flechas, equipamento doméstico e de trabalho. Na Amazônia os elementos culturais põem em destaque algumas etnias como: na fabricação das bebidas fermentadas dos Tícnas, do Alto Solimões no Amazonas; as cestarias dos Yanomami no Acre; os colares e pulseiras de sementes no baixo Amazonas com os Sateré-Mawé; as cerâmicas do Marajó e Santarém; as pinturas corporais Xinguana no estado do Pará; entre outras.

No baixo Amazonas a etnia Sateré-Mawé é conhecida por confeccionar colares, anéis e pulseiras com semente de açaí, jarina,

RESUMO

Os artesanatos indígenas Sateré-Mawé são ensinados oralmente e por meio da produção dos objetos artesanais. Atualmente na comunidade indígena o artesanato é fonte de renda, tem valor cultural e étnico. Neste sentido, o estudo do mesmo será olhado sob ótica da criança indígena como fonte de reconhecimento dentro do contexto escolar. O artesanato mas precisamente os colares de semente,

confeccionados por grupos de famílias Sateré-Mawé, que moram na cidade de Parintins-AM, serão objetos de estudo dentro de uma escola estadual. Com objetivo de refletir quais os objetos artesanais da etnia Sateré-Mawé que podem ser trabalhados dentro da escola, como fonte de reconhecimento cultural e sob base da perspectiva da lei 11.645/08.

PALAVRAS-CHAVE -Sateré-Mawé.

tucumã, jauari, muru-muru, entre outras. Os Sateré valorizam no momento das confecções artesanais os traços culturais da etnia, ou seja, nas pulseiras e colares a representação da cultura é muito forte, devido haver gráficos e desenhos com sementes que representam animais, ritos de passagem e presságios. Bernal (2009) e Nascimento (2014) ressaltam que os grafismos, desenhos, geometrias e tamanhos dos materiais artesanais dos povos indígenas apresentam traços identitários, mitológicos, cosmológicos e espirituais, assim como a origem do universo e das coisas na natureza e na vida dos humanos.

Ao conhecer o universo cultural que cerca os artesanatos Sateré-Mawé, a comunidade escolar se apropria deste, para colocar em ação a Lei 11.645/08 que refere-se a obrigatoriedade da escola em incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Visto que, a cultura e a formação da sociedade étnica dos povos indígenas, resgatando assim, as contribuições na área social, econômica e política pertinentes às inter-relações culturais entre os povos indígenas e não indígenas.

Mas, em uma escola estadual na cidade de Parintins, no baixo Amazonas, esta lei tem valor significativo para toda a comunidade escolar, devido esta receber cerca de 30 a 50 crianças indígenas aproximadamente por ano. As crianças pertencem a etnia Sateré-Mawé e residem na cidade com seus familiares. Entretanto muitas destas famílias confeccionam pulseiras, colares e brincos de sementes diversas da região. Muitos de seus filhos aprendem brincando os artesanatos no momento do trabalho dos pais.

A partir desta realidade, foi possível observar que muitas dessas crianças Sateré que estão aprendendo a arte de confeccionar o artesanato estudam na escola. Por meio do educandário fizemos algumas visitas a casa dos discentes, conforme as necessidades apresentadas por cada estudante. Pois, elas apresentaram dificuldade em interagi-se em sala, devido serem denominados pelos colegas com palavras pejorativas, mas em muitos casos a língua ainda vem a ser o maior desafio.

Seguindo as informações acima, este estudo refere-se ao artesanato como mediador de saberes, dentro da perspectiva intercultural da educação, na qual, o conhecimento escolar abordará o saber indígena como fonte de reconhecimento cultural. Neste sentido, o objetivo refleti em quais, objetos artesanais da etnia Sateré-Mawé podem ser trabalhados dentro da escola na cidade como fonte de reconhecimento cultural no âmbito escolar. Uma vez que, o estudo realizou-se dentro de uma turma do 5º ano do ensino fundamental, em uma escola estadual do município de Parintins. Tendo como sujeitos, docente e discentes não indígenas e indígenas.

Em suma, toda a dinâmica deste estudo retrata a importância do reconhecimento da existência da cultura indígena dentro do espaço escolar da cidade. Para os Sateré-Mawé o momento que a docente trabalha os colares e pulseiras na sala de aula, eles se reconhecem como indígenas e apresentam a sua cultura, e como confeccionam os artesanatos que aprenderam brincando em companhia dos pais.

Retrato de um povo: uma identidade a conhecer através dos colares e pulseiras no conhecimento escolar

A docente inicia a aula apresentando a etnia Sateré-Mawé como pertencente à família linguística Tupi, cujo significado da nomenclatura da etnia tem significados separados, onde Sateré traduz-se em Lagarta de fogo e Mawé – Papagaio Falante. Ao apresentar o significado de Sateré-Mawé aos discentes não indígenas foi ponto de partida para conhecer o universo artesanal, pois, a docente utilizou o texto A arte de fabricar artesanato para explicar a importância de conhecer a outra cultura e apresentar os objetos que os indígenas fabricam e que muitos deles são utilizados no dia-a-dia.



**Fig.1 - O trabalho manual com sementes da Kakury (Foto: Alberto César Araújo/Amreal)
Fonte: Kakury, o artesanato empreendedor das mulheres Sateré-Mawé. Disponível em:
<amazoniareal.com.br>.**

Vidal e Silva (1995) dizem que apresentar os objetos e a arte indígena para estudantes não indígenas, o docente trilha um novo caminho metodológico para conhecer a outra cultura, ou seja, a distância que existe entre os dois mundos (indígena e não indígena) se aproximam através do aprendizado sobre o modo de ser do outro e a descoberta da humanidade básica que ambos compartilham.

Para as crianças indígenas dentro da sala de aula, a atitude da professora foi significativa, onde elas observam com muita atenção a exposição e explicação da mesma. Quando iniciou a leitura do texto que dizia: Artesanato é uma arte de confeccionar ou demonstrar as artes através da pintura, teçumes, esculturas em madeira, barros, fibras, fios, barbantes, colares de caroços, sementes pequenas, madeiras e ossos de animais, etc.

[...] Por esse motivo, os mais antigos passam os conhecimentos aos seus filhos, ensinando-lhes histórias, contos lendários, mitos e como fazer artesanato. [...]

É recomendado pelas pessoas mais antigas, que se aprenda vários tipos de artesanatos haverá necessidade de possui-los.

Pensando no futuro de seus filhos é recomendado que as meninas aprendam o preparo dos fios de algodão para a fabricação de yni (redes). Tipo de redes: yni tiḡ (redes pintadas), sahu ape'i (casco de tatu), mipyaira, yni tuk'a.

Para os meninos é recomendado aprender a fazer: panela, peneira, tipiti, forno, panaku, flechas e outros tipos de artesanatos, porque um dia eles têm de casar. E quando isso acontecer eles mesmos terão que fazer, para não ter que pedir emprestado de alguém. Só é recomendado casar com quem souber fazer tudo isso, para garantir o sustento da família. [...] (SOUZA e SOUZA, p. 03, 1998).

As crianças Sateré-Mawé começaram explicando como eles viam os pais fazerem alguns dos objetos apresentados e os quais eles sabiam confeccionar. "Eu sei fazer colares de semente, faço para mim usar" (caderno de campo/2015, criança Sateré-Mawé). Na fala da criança indígena era visível o valor que a escola estava oferecendo, e partia delas o desejo de contar sobre a sua própria história étnica.

Durante a interpretação textual a criança foi ouvida, conforme a docente mostrava os objetos artesanais. Feire (2009) descreve que este momento ocorre por meio da interculturalidade, onde o docente é o principal mediador entre os diferentes, proporcionando uma convivência saudável e um diálogo entre as culturas diversas. Mas, aproveitando o protagonismo da criança Sateré-Mawé a docente permitiu por meio das sementes e materiais trazido por ela, que a criança indígena confecciona-se um colar de semente na frente dos colegas de turma.

Neste momento, o estudante explicou como acontece e como eles escolhem as sementes para fazer

colares e pulseiras. A imagem a seguir é retrato da explicação.



Fig.2. Colar de sementes produzidos pelos estudantes.
Fonte: As autoras

Stalin confeccionou um colar com sementes dentro da sala de aula. Ele explicou que confeccionou o colar com as sementes de açaí coloridas, destacou a importância de fecharmos o colar com uma semente, onde uma ponta do fio é amarrada com um buraco que dei para passar a mesma por dentro.

Durante a explicação todos os discentes presentes em sala observavam com curiosidade cada movimento da mão que o Stalin executava. Uma das crianças não indígena expressou “que lindo este colar” (Caderno de campo/2015). Outras quiseram sentir a textura, perguntaram o que era e para que serviam as sementes, assim como quais eram os seus nomes.

O estudante Sateré mostrou através de uma folha de papel chamex as sementes de açaí coloridas, e como eram confeccionado os colares. Com agilidade e sorriso no rosto ele descreveu.

Desenhamos uma linha, para parecer a linha do colar, para colocar as sementes. Depois colocamos cada semente diferente na corda. Até ficar bem colorido. Em seguida, a gente fecha assim (Caderno de campo/2015).

O colar produzido pelo discente Sateré criou forma durante sua explicação, como mostra a figura 01. Nela contém dois tipos de sementes, usada pela etnia na fabricação de artesanatos de pulseira, colares e anéis. Neste sentido, a demonstração refleti na ressignificação e representação identitária que a criança Sateré tem de sua comunidade de origem.

Ao observar os gestos realizados na confecção do colar, é possível presenciar a educação familiar e tradicional que as crianças Sateré-Mawé recebem na comunidade, antes de chegar a cidade. Brostolin e Cruz (2011) ao descreverem sobre a educação que a criança indígena traz do contexto familiar, tece que:

A criança aprende experimentando, vivendo o dia da aldeia e, acima de tudo acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando, sendo que o ambiente familiar, composto pelo grupo de parentesco, oferece a liberdade e a autonomia necessárias para esse experimentar e criar infantil (BROSTOLIN e CRUZ, 2011, p. 169).

Ao reporta-se para as autoras e a criança Sateré a figura 01 representa a vivência dela dentro da comunidade. A liberdade de usar as sementes coloridas e coloca-las separadamente frisando traços simbólicos de seu grupo étnico. É visível, pois a maneira de colar em pequenos relevos como se estivesse numa corda expressa o movimento da semente em alguns colares do jeito simples de ser produzidos.

A experiência apreendida pelo Sateré-Mawé no ambiente familiar e da comunidade possibilitou uma autonomia de produção do artesanato pela criança que está presente no ambiente escolar da cidade. Pois a mesma demonstrou que o texto trabalhado pela docente não se distanciou da sua vivência no dia a dia.

Neste sentido, pode-se retornar no seguinte trecho do texto:

[...] os mais antigos passam os conhecimentos aos seus filhos, ensinando-lhes histórias, contos lendários, mitos e como fazer artesanato. [...].

É recomendado pelas pessoas mais antigas, que se aprenda vários tipos de artesanatos [...] SOUZA e SOUZA, p. 03, 1998).

Na execução da produção do artesanato pelo estudante é visível a tradição do seu aprendizado dentro da comunidade ou na casa onde reside em Parintins juntamente com membros de sua comunidade, onde os mais velhos tenham a responsabilidade de repassar por meio da oralidade ou na prática os saberes da etnia.

O contexto de aprendizado representado pela criança Sateré-Mawé também podem ser vistos em outras crianças noutras etnias, como descreve Silva (2002) ao estudar as crianças indígenas A'uwe por meio de sua corporalidade e escolarização. Para a autora a relação com os mais é de grande relevância, pois os velhos ensinam as gerações mais novas a buscar no mundo dos antepassados as sabedorias, conhecimentos medicinais e artesanais, ou seja:

[...] Nos mundos dos antepassados está depositado um patrimônio a ser continuamente resgatado, revivificado, recriando por meio de sua circulação entre os vivos e os mortos (SILVA, 2002, p. 45).

Por esta razão, torna-se importante o aprendizado com os mais antigo. E esta tradição pode ser vista na fala da criança Sateré, quando ela enfatiza “Faz o colar eu, minha mãe, meu pai. Para vender, pra turista. Eles aprenderam com meus avos” (Entrevista, 2015). Nos artesanatos dos Sateré suas icnográficas e grafismos que representam a cosmologia e mitologia está presente.

“A confecção e produção de artesanato é também um elemento construtivo da cultura Sateré-Mawé” conforme enfatiza Nascimento (2014, p.154). Onde os elementos culturais são riquíssimos tradicionalmente, apesar de ter incorporado alguns elementos da cultura não indígena, mas a tradição do modo de fazer e usar suas matérias primas ainda são oralmente repassada para suas gerações futuras.



**Fig.3 As sementes (Foto: Alberto César Araújo/Amreal),
Fonte: Kakury, o artesanato empreendedor das mulheres Sateré-Mawé. Disponível em:
<amazoniareal.com.br>.**

Outro ponto também visto na fala da criança é a função comercial que o artesanato Sateré vem ganhando ao longo dos séculos de convivência com os não índios. Nascimento (2014) a respeito desta nova realidade descreve que os artesanatos são tradicionalmente usados como utensílios domésticos, mas atualmente ganham valor comercial que o mercado capitalista atribui, garantido a subsistência do mesmo.

Entretanto, a aula que envolveu o colar de semente indígena proporcionou informações e interações entre os estudantes Sateré com as outras crianças de maneira inesperada, pois todos se envolveram e executaram as atividades seguintes propostas. Os próprios Sateré focaram e prestaram atenção de maneira significativa na aula. A docente após o momento de ludicidade representada pela demonstração de como era confeccionado os colares realizado pela criança Sateré. Reiniciou sua aula como base aos materiais utilizados. Onde a matemática serviu para demonstrar como usar as expressões numéricas de soma, subtração e multiplicação ao dar preços nos produtos e a quantidade de usar as sementes.

Durante a semana a professora retornava a aula anterior lembrando o valor de aprendizagem que o colar poderia significar para o aprendiz. Em razão disso, na aula de português a produção de frases foi destacada, pois, os discentes deveriam escrever conforme o que havia aprendido e como resultados houve uma frase interessante que como pesquisadora destaque da própria criança Sateré, que escreveu “meu avô gosta de fazer colar” (Caderno de Campo/2015).

Nesta frase pude analisar o quando é significativo a interação que a criança Sateré-Mawé recebe, mesmo morando na cidade. E em fim, na aula de arte proposta de cada um fazer seu próprio colar, utilizando sementes coladas no papel chamex resultou em inúmeros colares com características próprias de sua identidade, independente da sua cultura. Dos meninos Sateré era estruturado conforme o que eles haviam apreendido e observado no local de artesanato, e os das crianças não indígenas os artefatos simbólicos eram expressos pela acidentalidade.

A Lei nº 11.645/08 e os diversos artesanatos Sateré-Mawé em sala de aula.

Ao analisar como um todo a semana que a docente trabalhou os colares indígenas como instrumento metodológico na prática, por meio das propostas curriculares de português, artes, história e matemática, pode-se observar a sensibilidade para a Lei de nº 11.645/08 que propõe a discussão da cultura negra ou indígena dentro da sala de aula.

A Lei nº 11.645/08 refere-se a obrigatoriedade da escola incluir no currículo oficial da rede de ensino, a temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, complementando a Lei nº 10.639/03 que destaca o reconhecimento da pluralidade sociocultural. A Lei no parágrafo 1º do Art. 26–A da Lei nº 11.645/08, de 08 de março de 2008 encontramos a seguinte redação:

O conteúdo programático que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Com esta redação de lei, o amparo legal nos permite resgatar a história, mitologia, cosmologia, costumes, brincadeiras, entre outros pontos que tecem a cultura indígena ou negra. Como prática pedagógica a perspectiva da diversidade cultural pode ser discutida devido o intuito de compreender o diferente em sala de aula, de modo particular ao grupo étnico nesta ocasião estudada.

Você pode perguntar – porque somente os povos indígenas? A resposta desta pergunta está na 305 etnias e 274 línguas faladas em todo o território brasileiro. Para cada etnia desta existe mitologia, cosmologia, artesanatos, saberes medicinais, entre outros artefatos culturais que engloba as etnias indígenas. Por esta razão, o foco textual volta-se aos povos Sateré-Mawé que vive no Baixo Amazonas entre os rios Andirá e Marau, com um número elevado de crianças indígenas que estudam em escolas municipais e estaduais na cidade de Parintins, além de suas comunidades tradicionais.

É desafiador para o docente correlacionar os diferentes conhecimentos (indígena e científico) e usar didaticamente como recurso prático em sala de aula. Mas, Freire (2009) ressalva que as características étnicas e culturais de diferentes grupos sociais que vivem presentes na escola e em território brasileiro, são importantes para os discentes conhecerem e reconhecerem suas multifaces culturais.

Contudo, ao trabalhar os colares de semente e o texto A arte de fabricar artesanato a docente apresentou a cultura Sateré e oportunizou ao próprio estudante que pertence a etnia a falar sobre a mesma.

Assim, ao reporta-se para o texto no segundo momento da referida docente destacou a seguinte parte:

Pensando no futuro de seus filhos é recomendado que as meninas aprendam o preparo dos fios de algodão para a fabricação de yni (redes). Tipo de redes: yni tiḡ (redes pintadas), sahu ape'i (casco de tatu), mipyaira, yni tuk'a.

Para os meninos é recomendado aprender a fazer: paneiro, peneira, tipiti, forno, panaku, flechas e outros tipos de artesanatos, porque um dia eles têm de casar. E quando isso acontecer eles mesmos terão que fazer, para não ter que pedir emprestado de alguém. Só é recomendado casar com quem souber fazer tudo isso, para garantir o sustento da família. [...] (SOUZA e SOUZA, p. 03, 1998).

O destaque desta parte do texto, coube aos materiais confeccionados como o paneiro, peneira, tipiti, forno, panaku, flechas e outros artesanatos. Durante a aula, a docente demonstrou, por meio de imagens quais eram estes objetos, assim como houve o acréscimo de outros como por exemplo:

Peneira (panane), o paneiro (y't'a), o patawi kui'apytyp (utensílio dos tuxauas), o Panaku (jamaxim), o Pau-de-chuva (hiware), a patrona (poko), o anel (mo'ojampiat), o pilão (weḡku'a), o tipiti (mohoro), o banco (amyap), o urutu, os instrumentos usados para a pesca, para construção de arco e casa (netap agkukag), instrumentos musicais (wep̄ hap ko'i etiat), a construção de casco (yara) e luvas de tucandeira (Caderno de campo/2015)

Como pode-se observar a docente colocou nos objetos, seus nomes em português e na língua Sateré, e pediu para que os estudantes pudessem falar na língua. Os discentes falaram e alguns objetos eles ressaltaram que já haviam vistos como eram feitos e pegado para brincar com alguns.

Nesta perspectiva, a prática pedagógica da docente incorporou características da interculturalidade, onde a "ênfase ao contato, ao diálogo entre as culturas, à interação e à interlocução, à reciprocidade e ao confronto entre identidade e diferença" (COLLET, 2006, p.123). Pois, a identidade está marcada pelo momento do estudante falar sua própria língua materna e a diferença encontra-se na cultura étnica.

A docente procurou uma maneira diferenciada para demonstrar a cultura do outro. Pois houve um momento da aula que além das imagens e nomes dos objetos em Sateré e português, a mesma apresentou a zarabatana, chocalho, peneira, arco e fecha, tipiti e cesto, como objetos de uso diário e domésticos, caça e utensílios musicais especificando cada um. Todos os estudantes curiosos puderam manusear os materiais e alguns até se descontraíram entre si. Como podemos observar, houve o início da sensibilização do estudante para conhecer a cultura do outro, representada pelos estudantes Sateré-Mawé.

A prática pedagógica desenvolvida pela docente caminhou no percurso indicado pela pesquisadora Silva, que em seu texto O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material, indica como pode-se trabalhar a temática aqui abordada em sala de aula, assim

Apresentar um conjunto de objetos [...] e pedir que ele identifique, descrevam. Num segundo momento pedir que pesquise sobre a matéria-prima utilizada, as técnicas de confecção, quem faz o objeto, quem usa, a sua função [...] (SILVA, 1995, p. 400).

O conjunto de objetos artesanais escolhido e o texto A arte de fabricar artesanato introdutório, permitiu que os passos seguidos pela docente oportuniza-se as atividades indicadas pela autora e que houve o acréscimo de outro conhecimento que pudesse ser adquirido sob mediação deles. Sendo assim, o primeiro momento deslocou-se o ensinamento a respeito do colar exemplificado pelo estudante Sateré-Mawé, e por fim, as imagens dos objetos na língua portuguesa e Sateré.

Apresentação da cultura indígena possibilitou as crianças que não pertencem a este grupo, um olhar diferente daquele apontado pelos livros didáticos, histórias ou leituras que retratam os indígenas. E a valorização da criança Sateré-Mawé como fonte de conhecimento e de informações de sua própria comunidade.

Reflexão - A dificuldade do planejamento envolvendo a diversidade cultural

A prática pedagógica possui características própria e subjetiva do docente, onde sua metodologia didática é guiada pelo processo de formação. Neste sentido, a experiências nos diferentes campos da educação é fundamental, ou seja, o docente que tem o intuito de atuar dentro da perspectiva que respeite a diferença e diversidade o caminho percorrido por ele anteriormente se refletirá nos dias atuais da educação.

Na escola pesquisada, a docente descreve que suas experiências anteriores em outra escola ajudou ela a planejar e trabalhar com as crianças indígenas da atual instituição que atua (Caderno de Campo, 2015). Pois, ao planejar ela busca levar em consideração o conjunto cultural presente na sala, como por exemplo a necessidade das duas crianças com deficiência física e as tres Sateré-Mawé (Caderno de Campo, 2015).

Na descrição a respeito da professora, é visível a importância que ela tem sobre o ato de planejar, ou seja, “planejar é, de fato, definir o que queremos alcançar; verificar a que distancia, prática, se está do ideal, e decidir o que se vai fazer para encurtar essa distancia” (GANDIN e CRUZ). A reflexão do planejamento e instrumentos pedagógicos podem ser vistos na ação do docente, de modo particular na escolha da temática.

Diante do esforço do planejamento o primeiro passo para uma educação diferenciada, foi iniciada pela docente. Visto que, ela enfatiza que sente dificuldade em propor uma aula que leve em consideração a cultura indígena. Pois, o motivo dela propor apresentar na semana alguns artesanatos como base dessa prática, foi ocasionada pelas situações dos estudantes colocarem nomes pejorativos aos estudantes indígenas (Caderno de campo/2015). Sendo assim, este:

[...] Parte da experiência, dos conhecimentos, dos conceitos e preconceitos que os alunos trazem consigo. Ao serem levados a expor suas ideias, eles as organizam e expressam o que têm absorvido através de filmes, fotos, conversas, leituras, etc. Muitas vezes, não se debruçam sobre determinado assunto, não refletiram sobre eles e não tem clareza dos porquês de seus pontos de vista. (MACEDO, 1995, 167)

Para autora o contexto de sala de aula pode ser superado quando a docente busca novos conhecimentos a respeito do diferente. Apesar da docente ter dificuldade com o planejamento, o ato dela ter a estratégia de trabalhar o Sateré como fonte, foi fundamental para valorizar a cultura dele. Assim, sua responsabilidade ficou de mediadora e ao avaliar a atividade, ela pode tirar como conclusão a reflexão que ela trouxe para discutirem em sala.

Cada objeto ao ser explicado seguiu pontos dentro das disciplinas, ou seja, para geografia foi abordada através do arco e flecha (no momento da caçada e como ele busca se direcionar na mata usando pontos de referencias e o sol ou a lua); O chocalho como instrumento musical na hora da dança, parte do conceito dentro da arte do modo simples de entender a corporalidade. O tipiti e o cesto traz em seus traçados a matemática na demonstração das formas geométricas. E por fim, todos os objetos de artesanato e o texto utilizado como introdução da temática, tornou-se ponto de discussão e reflexão na análise e interpretação textual (Caderno de Campo/2015).

Dentro da conceituação do ato de planejar de Machado (2011, p.52) a educadora pensou e executou um planejamento interdisciplinar que “busca estabelecer uma intercomunicação afetiva entre os componentes curriculares, por meio do enriquecimento entre eles. Almeja-se, no limite, a composição de um objeto comum, por meio dos objetos particulares de cada um dos componentes”. E assim, o objeto comum entre o trabalhado pela educadora, parte do texto que conta um pouco e a produção de cada um desses objetos artesanais.

Ao refletir sobre o trabalho desenvolvido inicialmente pela educadora, observamos que o ato de planejar é fundamental para que os diferentes saberes estejam articulados nos componentes curriculares, e assim, as diversidades de saberes e conhecimentos articulados pela mesma, seja o primeiro passo para o reconhecimento do diferente em sala de aula.

Para docente ao avaliar sua aula reportou-se para os acréscimos de informações recebida pelos estudantes Sateré. Assim como ela refletiu na importância de traçar novas estratégias de ensino para levar em consideração a diversidade cultural, física e religiosa representada por seus discentes (Caderno de campo/2015). Ao tecer este contexto, caracteriza-se que “toda prática de um professor deveria passar pela interdisciplinaridade de abertura e diálogo, ou melhor, do amadurecimento da formação pessoal e profissional para realização do trabalho no cotidiano” (TAVAREZ, 2008, P. 141).

Em suma, conclui-se que, ao apresentar a cultura Sateré-Mawé, por meio das aulas interdisciplinares oportunizou-se abrir novos caminhos para discursões posteriores sobre as diferentes culturas. De modo particular, a resignificação da diferença significou para os estudantes da etnia e dos outros alunos o reconhecimento do diferente presente na escola, permitindo que o diferente não seja motivo de piada e denominações pejorativas aos seus representantes.

Considerações Finais

Os artesanatos Sateré nas mãos e olhares atentos da docente tornou-se fonte de conhecimento e propôs o reconhecimento da diversidade cultural dentro da sala. A aula foi planejada sob a linha da interdisciplinaridade e da lei nº 11.645/08 que oportuniza discutir pontos essenciais da cultura indígena, como por exemplo: arte, economia, política e localidade.

Ao propor o diferente a docente no início da aula passou pelo momento de resistência por parte dos estudantes não indígena, mas com os recursos didáticos oferecido por ela, tornou-se o instrumento mediador de conhecimento e instigação da curiosidade, para o diferente que foi exposto.

Neste caso, as sementes para produção do colar, o chocalho, zarabana, paneiro, peneira, tipiti e flecha em réplicas menor que o normal serviu como recursos mediadores. E, mas tarde, o próprio estudante indígena foi recebido pelos seus colegas como fonte de conhecimento e troca de saberes, ou seja, a docente sob articular os diferentes saberes e instigar os discentes a conhecer o diferente.

Sendo que a mesma também mostrou o quanto é possível trabalhar o diferente em sala de aula, apesar das dificuldades de correlacionar os saberes indígenas com os componentes curriculares como: matemática, português, geografia, ciência e arte para contextualizar com o conhecimento apreendido dentro do saber científico. Neste sentido, os colares de sementes e os artesanatos foram além do caráter lúdico no contexto escolar, eles tornaram possível a acessibilidade e reflexão aos estudantes não indígena e propuseram a valorização cultural dos estudantes Sateré, seja através do manuseio dos objetos ou da reprodução dos colares. E enfim, ao avaliar sobre a discussão da temática indígena dentro de sala de aula, chegou-se à conclusão da importância de traçar novas estratégias didáticas e oportunidades de apresentar novas culturas que compõem a sala de aula, possibilitando assim, que a criança indígena tenha voz e representação cultural dentro do contexto educacional da cidade.

REFERÊNCIA:

- 1.ARAÚJO, Alberto César. O trabalho manual com sementes da Kakury (Foto); As sementes (foto); As sementes coloridas de açaí (foto). In BRASIL, Kátia. KAKURY, o artesanato empreendedor das mulheres Sateré-Mawé. In Amazônia Real. Disponível em: <<http://http://amazoniareal.com.br/kakury-o-artesanato-empreendedor-das-mulheres-satere-mawe/>>; acesso em 13. Out.216.
- 2.BROSTOLIN, Marta Regina; CRUZ, Simone de Figueiredo. Criança Terena – algumas considerações a respeito de suas representações identitária e culturais. In: _____. NASCIMENTO, Adir Casaro. Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília: Liber Livro, 2011.
- 3.COLLET, Celia Letícia Gouvêa. Interculturalidade e Educação escolar indígena: um breve histórico. In: _____. GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. Formação de professores indígenas: repensando trajetória. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006
- 4.COMAR, Sueli Ribeiro; RUARO, Juliana Cristina. As Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08: os limites e as perspectivas de uma legislação. II Simpósio Nacional de Educação. XXI Semana de Pedagogia. Infância, Sociedade e Educação. ISSN: 2178-8669
- 5.FREIRE, Maria do Céu Bessa. A Criança Indígena na Escola Urbana. Manaus. AM. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- 6.GANDI, Danilo; CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. Planejamento na Sala de Aula. 12. ed. São Paulo; Vozes. 2011.
- 7.MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva. Estratégias: a temática indígena e o trabalho em sala de aula. In: _____. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; SILVA, Aracy Lopes da (Org). A Temática indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. MEC / MARI UNESCO. Brasília. 1995.
- 8.MACHADO, Nilson José. Interdisciplinaridade e Contextualização. Anais do V Encontro Anual ANDHEP. Direitos Humanos, Democracia e Diversidade. Belém Pará- UFPA, 2011.
- 9.NASCIMENTO, Celso Augusto Torres do. Entre as contas de sementes e o molongó: a organização social dos Sateré-Mawé no trabalho artesanal. In: _____. TORRES, Iraíldes Caldas (Org). Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais. Manaus: Valer, 2014.
- 10.República Federativa Brasileira. Diário Oficial da União, ANO CXLV, nº 48, Seção 1. Brasília: Gráfica da imprensa

nacional, 2008. p. 1

11.SILVA, Aracy Lopes da. Pequenos “xamãs”: crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In:_____. SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Angela. Criança Indígenas Ensaio Antropológico. São Paulo: Globo, 2002.

12.SOUZA, Brito Ferreira de; SOUZA, Amilson de (Org.). Os Sateré-Mawé e a Arte de Construir. Reim. de livros Indígenas em parceria com MEC FUNDE SEDUC-AM Convenio nº 806029 / Manaus: SEDUC AER-AM, 1998.

13.TAVARES, Dirce Encarnacion. A interdisciplinaridade na contemporaneidade – qual o sentido? In:_____. FAZENDA, Ivani (Org.) O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

14.VIDAL, Lux; SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In:_____. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; SILVA, Aracy Lopes da (Org). A Temática indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. MEC MARI UNESCO. Brasília. 1995.



ELIZABETH CRISTINA SIEL SOUZA, M.s.c. d

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Atualmente cursa o Mestrado em Ciências em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, sob a orientação do Dr. João Luiz Barros.



IRAILDES CALDAS TORRES, Ph.D

Pós-doutora em Antropologia Social pela *Université Lumiere Lyon 2* (França). Professora e Pesquisadora junto a Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/ UFAM (Mestrado e Doutorado). Membro da Academia Brasileira de Letras do Brasil. Membro da Associação Brasileira de Escritores e Poetas da Pan-Amazônia.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com